

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR  
**JOSÉ DA SILVA VIEIRA**

Composição e impressão: Typ. Espozendense  
 Rua Veiga Beirão, 7 e 9  
**ESPOZENDE**

# O ESPOZENDENSE

Semanario democratico independente—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
 LIVRARIA ESPOZENDENSE  
 Editor: Manuel Gomes da Costa Freitas  
 ACCETA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO  
 Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adiantado)

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL

ANNUNCIOS (secção competente)

Anno, sem estampilha 1\$200 reis.  
 Numero avulso 40 reis

Com estampilha 1\$360 reis.  
 Brazil, (moeda forte) 2\$500 reis

1886

Linha, ou espaço de linha a 40 reis  
 Os assignantes tem 25 % de desconto.

Communicados, ou reclames (secções)  
 Imposto do sello (cada publicação) 10 rs

O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se receba um exemplar.

## CAVALLOS DE FÃO

IMPORTANTE PORTO MARITIMO  
 SIMI-ARTIFICIAL

Snr. Vieira

Hoje, exclusivamente, me impuz á acre tarefa de apresentar as bases principaes do meu orçamento para a construção do importante porto d'abrigo simi-artificial nos «Cavallos de Fão», como prometti. Eil-as:

Os molhes devem ser construidos em secco nas condições seguintes: ao lume d'agua formam uma fiada em linha plana no respectivo comprimento e largura. Sobre esta fiada nasce uma outra, recolhendo 10 centímetros (da face da bacia somente), seguindo a linha do prumo até á altura de 1 metro e 50; sobre esta fiada nasce uma terceira exatadamente nas mesmas condições da anterior; e assim successivamente até final conclusão dos molhes. Advirto, porem, que nas pedras superiores de cada uma fiada (da frente da bacia somente), deve fazer-se um rebaixe, deixando um collarinho de 10 centímetros de largo por 3 d'alto, assentando sobre esse rebaixe, as pedras da fiada a seguir, bem justas no collarinho. Mais: toda a fiada, sobre a qual assenta a fiada seguinte, deve apresentar um declive ou cahimento de 2 % desde o collarinho á face exterior do molhe norte que sempre deve seguir a linha do prumo—os molhes podem considerar-se nascidos da superficie d'agua, pois que, embora, no mais baixo, desçam a esta superficie, todavia, na sua maior extensão, nascem d'ella para cima.—O titão é totalmente escuro para a construção dos molhes, devendo, porem, ser substituido por guindastes.—Os trilhos assentes no plano de cada fiada, para o movimento do material, devem ficar ahi mesmo para maior solidez dos molhes. Postos estes principios vejamos qual a verba necessaria para construção dos molhes. Principie-mos pelo molhe norte, incluindo o caes sobre a cernelha e a via de transporte deste para terra e vice-versa junto ao molhe.

Quantos operarios se podem acomodar neste trabalho? dispondo de 30 para o monte, 60 para o picão e 20 para o assento, temos 110, ajuntando-lhe mais 40 para reforço, temos 150 operarios que poderão acomodar-se. Em quantos dias uteis devem concluir esta obra? deem-se-lhes 365 dias. Que salario devem ganhar? attendendo á tabella geralmente seguida nestas cercanias, deve variar

entre 200 a 400 reis; deem-se 500 reis a cada operario.

Ora 150 operarios a 500 reis, dispendem diariamente 75\$000 reis que 365 dias monta 27.375:000.

Dispendendo, portanto, igual quantia com o molhe sul, incluindo o caes sobre a queixada e a via de transporte deste para terra e vice-versa junto ao molhe, chegamos á segura conclusão que os molhes do referido porto importam na simples bagatela de 54.750:000 reis. Mas arredondemos o numero e sejam 60.000:000 reis.

Vejamos agora a linha para condução do material. Esta linha deve seguir a mesma via que seguiu ha cerca de quarenta annos, para a construção do paredão da barra de Espozende.

Qual a verba para esta linha e pontão provisorio sobre a barra? attendendo á curta distancia, 2 e meio kilometros e á nulla despropriação—5 contos. Para material de transporte e guindastes—10 contos. Para material manual, sua despeza e fogo—5 contos. Somma total—80 contos. Abatendo a esta quantia o producto da venda do material ferroviario, afinal conclusão, que deve atingir, quando menos, metade do seu valor—10 contos, que desmontados a 80 contos, temos 70 contos de somma total. Consequentemente, 80 contos são mui bastante, cedendo já os 10 contos para quebrados, para se construir um importante porto d'abrigo nos «Cavallos de Fão». Parece impossivel mas é verdade. A eloquencia dos numeros, salvo erro, é esmagadora!

Como se vê excluo deste orçamento o desvio do Cava-do para os Cavallos, já por economia nas conjunturas actuaes; já para angariar verba para esta despeza, já, por-

Acaba de sair:

Collecção Silva Vieira

TRADIÇÕES POPULARES,  
 VOCABULARIO E TOPONYMIA

DA  
**GUARDA**

por  
 A. Gomes Pereira  
 Professor do Liceu Central do Porto  
 1 volume de 80 paginas

PREÇO: 300 REIS

A' venda na Livraria e Typographia Espozendense—Rua Veiga Beirão, 7 e 9—ESPOZENDE.

No preço—Do mesmo auctor:

TRADIÇÕES POPULARES,  
 LINGUAGEM E TOPONYMIA DE  
 BARCELLOS, que formará um grosso volume.

que, talvez, convenha limpar antes a doca pela barra de Espozende.

Quanto eu estava equivocado, dando em avulso, um orçamento de 500 contos! E' qu'a gente... ao que tem ouvido de Leixões até fica maluca. Santo Deus! 100 contos para deitar lá dous remendos!!!

Ahi fica o meu orçamento, que se me afigura não ser escasso, antes prodigo, salvo, todavia, melhor juizo de que não discordo.

Snr. Vieira, já velho, vista depauperada, forças extenuadas por aqui me fico a recuperar alento, cedendo, de bom grado, esta cadeira a conspicuos, eloquentes propagadores que, decerto, abordam esta questão com mais variadas e carregadas cores. A causa justa assim o pede. Avante!

Intimamente lhe agradeço as diligentes amabilidades com que sempre me recebeu; e um dia, quando sair das sombras do incognito, agradecer-lhe-ei pessoalmente.

### APOIADO

E' do «Cardeal Saraiva»:

Um diario da capital, acerca do fallado emprestimo de reis 60:000 contos, diz-nos o seguinte que passamos a registar:

«Aquella pyramidal ideia de se arranjamem 60:000 contos—esta brincadeira!—indo buscal-os ao dinheiro que os inquilinos são obrigados a entregar aos senhorios para lhes garantirem o pagamento integral de rendas corre por ahi desabalada. Assim como se prega guerra de morte aos cães vadios, não se poderia impor um tributo pesado ás ideias que não tem senso commum?»

Bravo! E venham de lá essas bolas para principarmos com o exterminio.

### SELLOS POSTAES

Foi determinado que os sellos postaes de 20, 30 e 50 centavos e 1 escudo, sejam impressos, respectivamente, em papel das côres verde, amarella, rosa e azul, com as seguintes tintas: 20 centavos em papel verde a tinta Marron, 30 centavos em papel rosa a tinta Terre de Cassel, 50 centavos, em papel amarello a tinta laranja e 1 escudo, em papel azul a tinta verde americano, e bem assim que o bilhete postal simples de 1 centavo seja impresso com as armas nacionaes.

### ARTE

ARCHIVO DE OBRAS D'ARTE  
 Director e gravador—MARQUES ABREU  
 Rua de S. Lazaro, 310—PORTO.

## BILHETES-POSTAES

### IV

Meu caro Vieira

Já livre da cartola adonica (chaminé do diabo, figas!) sob um ceu carmineo de felicidade, n'um oriental, bem-estar, revia em doces sonhos as vaporisações feminis de almos ideaes (gostas? Eu não é para me gabar, mas ha um tempo para lá ando assim meio-poeta... mas não te parece mesmo que estás a ouvir o veterinario—vate Fracisquinho?...). Porem oh fatalidade!—eis que surge a nuvem negra da desventura a pairar no meio metro e mais um palmo de gato de rua, que o meu senhorio concede eu veja da janella aranhada (é porque os cortinados fez-mos a aranha) da minha agoa furtada... Vi-a logo de manhãzinha, hora de mata-bicho, rua Direita adiante, toc, toc, 'té á Igreja. Davam «Trindades» e breve devia começar a missa das Almas. Era negra, deluzidio e tinha verdadeira voz canna-rachada! (o neologismo não é meu; vem citado no «Dictionario Caseiro Facilmente Manejavel e Cuidadosamente Revisto» do dr. Pera d'Algodão,—lente de Quarta da Universidade Abelheirense e Auditor do Fóro Lagostense e cathedratico—do Collegio Zé-Fernando—em funcção). E assim ondeando rua afora, fez-me lembrar as azas monstras d'um morcego gigantesco, a bater, a bater; e até vi a lampada d'azeite, bruxoleante, por entre as neblinas matinaes... por fim era a careca do terraqueo S. Pedro, ali debaixo dos Arcos, nas suas funcções e illuminativo-policiaes.

...A manhã vinha vindo. Na Matriz caíam pausadas as «Trindades». O tin-tin do Sanctus descera já igreja abaixo, emquanto abafada, cadenciadamente, os fieis batiavam nos peitos. Na «Fonte» as bicas choravam crystaes em jorros, e brilhantes de verdadeira agoa; esguios vultos, n'uma meia-penumbra que a frouxa luz d'aurora esfuminhava, passavam. Cava-do abaixo iam lanchas vagarosas, velas pandas á viração matutina; pescadores cruzavam o «Largo» escangalhando os queixos com requeimados cachimbos, cesta no braço, carapuça no hombro ao cair do *Angelus* pausado, friorento.—... A nuvem saiu da igreja; o Arnaldo apagou-lhe uma lagrima que lhe bailava no olho—com o «cachucho»; foi a despedida. Passou, muito negra, a dar a dar com a azas de morcego. E ao voltar da «Esquina» o nosso conhecido *Descarado*:

—«O' ventas! Larga o veridico capote de D. Sancho II.» Percebeste? Nem o

Judeu Errante

## VERSOS

### HYMNO DE AMOR

Andava um dia,  
 Em pequenino,  
 Nos Arredores  
 De Nazaré,  
 Em companhia  
 De S. José,  
 O Deus Menino,  
 O Bom Jesus.

Eis senão quando  
 Vê n'um silvado  
 Andar piando  
 Arripiado,  
 E esvoaçando  
 Um rouxinol,  
 Que uma serpente  
 De olhar de luz  
 Resplandecente  
 Como a do sol,  
 E penetrante  
 Como diamante,  
 Tinha attrahido,  
 Tinha encantado.

Jesus doido,  
 Do desgraçado  
 Do passarinho,  
 Sae do caminho,  
 Corre apressado,  
 Quebra o encanto:  
 Foje a serpente;  
 E de repente  
 O pobresinho,  
 Salvo e contente  
 Rompe n'um canto  
 Tão requebrado,  
 Ou antes pranto  
 Tão soluçado,  
 Tão repassado  
 De gratidão,  
 D'uma alegria,  
 Uma vehemencia,  
 Uma expressão,  
 Uma cadencia,  
 Que commovia  
 O coração!

Jesus caminha  
 No seu passeio;  
 E a avesinha  
 Continuando  
 No seu gorgeio  
 Emquanto o via:  
 De vez em quando  
 Lá lhe passava  
 A' deanteira,  
 E mal poisava,  
 Não afrouxava  
 Nem repetia,  
 Que redobrava  
 De melodia!

Assim foi indo  
 E o foi seguindo.

De tal maneira  
 Que noite e dia  
 N'uma palmeira,  
 Que havia perto  
 D'onde morava  
 Nosso Senhor  
 Em pequenino,  
 (Era já certo)  
 Ella lá estava,  
 A pobre ave,  
 Cantando o hymno  
 Terno e suave  
 Do seu amor  
 Ao Salvador.

João de Deus



## COISAS DA NOSSA TERRA

A' EX.<sup>ma</sup> COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO MUNICIPIO DE ESPOZENDE.

Diz-se á bocca pequena, mas nós não acreditamos, que a Ex.<sup>ma</sup> Camara de que fazem parte alguns cavalheiros ajuizados e que se tem conduzido bem, desempenhando-se do seu mandato, de forma a não merecer censuras de ninguém, pensa á ultima hora em fazer politica, sacrificando talvez a sua impecavel linha de conducta ao jogo politico em que anda empenhada certa gente tristemente conhecida na nossa terra.

Repetimos, ainda não acreditamos. Mas a ser verdade o que se segreda baixinho a ouvidos amigos, teremos a nossa digna vereação arrastada a protestar contra um folheto ha dias publicado, em legitima defesa, pelos já celebres conspiradores de Espozende, presos ha meses em Braga.

Ora tal folheto, que tambem nos chegou ás mãos, em nada se refere á Camara, e se alguem é atingido, em pleno peito, que se defende, tem a lei a seu favor. Mas levar as manhas jesuíticas a ponto de meter a protestar contra um folheto particular, a Camara municipal, esta não lembra a ninguém e mais uma vez repetimos, não pode ser, não acreditamos.

Mas a má lingua indigena chega a ponto de dizer que o Ex.<sup>mo</sup> presidente da Comissão administrativa, foi pedir a um dos vereadores para tomar parte no protesto, que assim deixaria de ser espontaneo, como cremos que o não seja, recebendo em troca a mais formal negativa.

Ora nós, por varias vezes temos elogiado aqui o Ex.<sup>mo</sup> presidente da C. Administrativa, que se tem conduzido magnificamente em casos intrincados, como foi por exemplo o celebre arrendamento, feito á socapa, pelo cidadão Secretario de Finanças, da casa para a mesma repartição. Então' como hoje fazemos-lhe justiça. Hontem cumprindo o seu dever defendendo os municipes, contra a gula de alguns; mas hoje... não, não pode ser, não acreditamos; S. Ex.<sup>a</sup> não é capaz de se meter no que lhe não diz respeito, e elle e a Camara nada tem com o caso a não ser que se queiram tornar solidarios com Antonio Duarte, vereador da Camara, atingido por afirmações que não brigam com o seu cargo, e sobre as quaes portanto a Camara nada tem que ver.

Pode lá ser?

Tem a nossa vereação muito que fazer sem se meter em politica mesquinha.

Quer protestar? Tem ahí o cidadão secretario de Finanças; põha-se ao lado do contribuinte exausto, investigue da sua razão e justiça.

Quer protestar?

Tem ahí o Registo Civil. Ao passo que em varios concelhos estão nomeados os ajudantes para os postos creados pelo governo, aqui faz-se monopolio a favor d'um official de registo, contra todos os municipes.

Quer protestar? Tem ahí a instrucção primaria: acabem com o

exercito dos substitutos, obriguem os professores a cumprir os seus deveres e assim a Camara não faz mais do que cumprir a missão que ditatorialmente lhe foi confiada.

Querem protestar? Protestem sim, mas a favor dos municipes que são obrigados a defender e não a favor de particulares com que nada tem a Camara.

## CONFRONTOS

O QUE FEZ A COMISSÃO ADMINISTRATIVA EM 21 DE DEZEMBRO DE 1910.

O QUE FAZ A COMISSÃO EM OUTUBRO DE 1912.

Não ha nada melhor, para aquilatar o valor de certas creaturas do que confrontar o seu modo de proceder, em diversas epochas, ainda que muito proximas, no desempenho do mesmo cargo.

Ha tempos, veja-se o «**Povo Livre**», anno 1.<sup>o</sup>, n.<sup>o</sup> 4 de 21 de Dezembro de 1910, não sabemos quem, mas conhecemos o responsavel, atacou rigorosamente, o ex-presidente do nosso municipio Valentim R. da Fonseca, a quem o proprietario do jornal supracitado tentou em vão enlamear.

O sr. Valentim Ribeiro da Fonseca era e é incontestavelmente o primeiro republicano d'este concelho, porque se declarou republicano quando do ultimatum da Inglaterra e não mais transigiu com a monarchia, porque tem prestado a este concelho relevantes serviços, na administração do Hospital onde fez entrar a moralidade; e como presidente da Camara, pensou em levantar as finanças do municipio, cortando a direita, com mão firme, não se importando, nem de leve, que o seu programma, fosse attingir ou melindrar qualquer dos amigos que tinham concorrido para a sua nomeação. (Veja-se o relatório que sua Ex.<sup>a</sup> apresentou para este fim).

Ora como dissemos, Valentim Ribeiro da Fonseca, homem honestissimo, trabalhador incansavel, desvelado amigo de Espozende, republicano historico, foi enxovalhado no «**Povo Livre**» em que se dizia claramente, alem de palavras offensivas para S. Ex.<sup>a</sup>: «fora, fora da presidencia da Camara».

D'essa Camara faziam parte quatro dos actuaes vereadores: ninguém se mexeu, nem uma palavra de protesto, o mais absoluto silencio.

Hoje, por causa dum folheto publicado em legitima defeza, vemos os mesmos vereadores lavrando o mais vehemente protesto, talvez porque nesse folheto era visado um vereador Antonio Duarte.

Ora senhores vereadores, não tiramos a conclusão; entre Valentim Ribeiro e Antonio Duarte, ha tanta differença como entre ser e não ser.

Valentim Ribeiro está acima de toda a critica; Antonio Duar-

te...

Mas porque procedem agora differentemente os mesmos vereadores da Camara?

Hontem, tratava-se apenas de um presidente da Camara, como tal atacado, homem de bem honestissimo, amigo da sua terra. Ali hoje trata-se do prestigio politico duma seita e então, oh! ceos, tudo protesta, tudo se revolta, tudo se manifesta contra tão horriavel crime, como é a defeza de pobras desgraçados que a má vontade de alguns quiz atirar para a penitenciaria.

Mas não é tudo ainda: temos comicio publico, segundo nos dizem, e nelle devem tambem tomar parte todos as commissões parochiaes, todos os regedores e gente que não sabe ao que vem. Que ridiculo papel veem representar?

Elles que nada representam porque foram nomeados em ditadura, veem defender com o seu nome, como já fez a Camara, os cavalheiros visados no citado folheto e que são Antonio Duarte, Bello, Cantoneiro, Dr. Fonseca Lima, Dr. Motta, Secretario de Finanças, Celestino, etc...

Vamos senhores, nada de excitar. Um protesto solemne, que dê brado, contra esse folheto, não esquecendo tambem a Rotandade.

Mas antes de terminar deixem-nos dizer-lhes: que triste figura que papel tão pouco invejavel os senhores vão representar! Que bello confrontol...

## TINTEIRO ROUBADO

O julgamento do Porto em que se pediu a cabeça do sr. José de Barros e dos seus co-reos, tinha forçosamente de acabar tristemente... Era dos livros.

E triste acabou para o juiz presidente da Relação da invicta cidade, que n'um abrir e fechar d'olhos ficou sem um rico tinteiro de prata que tinha sobre a secretaria do seu gabinete, transformado *ad hoc* em sala de espera das testemunhas d'esse processo, que ha-de ficar archivado, como uma das maiores arbitrariedades de que ha memoria nos annaes da magistratura portugueza, não pela sentença que foi justa, mas pelo tempo que se conservaram entre ferros da Republica, individuos sobre quem não recinha o mais leve indicio de culpabilidade e que com prejuizo da saude, da vida e do futuro tiveram que a guardar longos mezes que justiça lhes fosse feita.

Que o tinteiro foi roubado não ha duvida, mas o que se não sabe até agora é quem foi que o roubou.

No emtanto, pelo sim pelo não, a policia do Porto foi deitando a mão a quatro das **TESTEMUNHAS DE ACCUSAÇÃO**, sobre quem recahem graves suspeitas de serem os auctores do furto.

Com taes accusadores não admira que os jurados, embora ameaçados, tivessem feito justiça imparcial e integra, que os honra pelo desassombro e pelo exemplo que deram de se não deixarem arrastar por uma coacção vergonhosa que lhes repugnaria á propria consciencia.

Se Latino Coelho e Elias Garcia, se Guilherme Braga e Rodrigues de Freitas, se Anthero do Quental e Candido dos Reis pudessem erguer-se dos seus tumulos e ver a intolerancia e a desordem que por toda a parte vão alastrando—morriam outra vez, mas de magua profunda, de profunda tristeza, de vergonha e de soffrimento.

Não foi assim a Republica que todos elles sonharam.

A Republica, por elles sonhada e por elles idolatrada, era uma Republica sem perseguições e sem violencias, sem odios e sem arruaças.»

**GAZETA DAS ALDEIAS**  
Semanao Illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos ateis

## ARRUAÇA E DESORDEM

## O QUE DIZ UM DEPUTADO

Sob a epigraphe *A arruaça e a desordem* escreve d'este modo o snr. deputado Ribeira de Carvalho no *Radical*, de Leiria, em artigo de fundo:

«Se alguem nos dissesse e no tempo da Monarchia, que a Republica se implantava para alguns mezes depois Antonio José de Almeida ser apupado e apedrejado nas ruas. Se alguem nos dissesse que os mais esforçados combatentes da Revolução, aquelles que mais trabalharam pela redempção de um Povo, haviam de ser depois infamados e perseguidos por bandos de arruaçeiros sem honra e sem dignidade. Se alguem nos dissesse que, depois da Republica, os odios politicos haviam de explodir mais violentos e menos escrupulosos, nós responderiamos sem hesitar:

—Não queremos uma Republica assim. De facto, não andámos durante annos a sacrificar a liberdade e o socego, não fomos parar por duas vezes ao leito de um hospital, encarando com desprezo a morte, só pelo simples capricho de mudar uma corôa por um barrete phrygio. Evidentemente, mais alguma coisa queriamos: justiça, moralidade e liberdade de pensar.

E em liberdade de pensar, por mais triste que seja dizelo, por mais doloroso que seja verificarlo, estamos peor do que nunca. Não ha liberdade, nem ha tolerancia. Não ha respeito pelas crenças nem pelas idéas dos outros. São agredidos velhos republicanos, só porque não pensam como certa escumalha pensa. São agredidos e maltratados militantes anarchistas, só porque teem principios diferentes de certa canalha ignorante.

Ha uma certa escoria social, vergonha e deshonra da Republica, que entendeu que toda a gente havia de pensar pela sua cabeça destmiolada e seguir pelo seu caminho de arruaças e de desordens.

—E's socialista? A canalha escorraça-te.

—E's syndicalista? A canalha difama-te.

E's anarchista? A canalha corre-te a tiro.

Só te não escorraça, só te não difama, só te não corre á bala, se commungares nos mesmos odios, nas mesmas vinganças, nas mesmas perseguições.

—Ou morres ou pensas como eu!—é este o lemma do secretario.

Se Latino Coelho e Elias Garcia, se Guilherme Braga e Rodrigues de Freitas, se Anthero do Quental e Candido dos Reis pudessem erguer-se dos seus tumulos e ver a intolerancia e a desordem que por toda a parte vão alastrando—morriam outra vez, mas de magua profunda, de profunda tristeza, de vergonha e de soffrimento.

Não foi assim a Republica que todos elles sonharam.

A Republica, por elles sonhada e por elles idolatrada, era uma Republica sem perseguições e sem violencias, sem odios e sem arruaças.»

## Frases feitas

## Nem uma nem duas

Na *Revista do Minho*, vol. XIII, n.<sup>o</sup> 2 (1898) dá-se a origem desta locução no conto *As Orelhas do Abbade* que vem a pag. 218 do vol. I dos *Contos Tradicionaes do Povo Povo Portuguez* do snr. Teófilo Braga.

João Ribeiro—*Frases Feitas*, II, pag. 179—julga tambem provável que a frase fosse extraída de uma burla da *Silva Curiosa*, de Julio Medrano, reimpressa por Sbarbi—IX—166, que pode ser a originária.

*Não dizer nem uma nem duas* indica silencio absoluto e pendo a crer que a historiéta se serviu de uma locução já conhecida.

O conto poderia dar curso e intensidade á frase, como por vezes acontece, pois que a pilheria provém exactamente do proposito intencional com que aquela foi aplicada. Na linguagem popular e tambem na literária é vulgar a expressão *nem palavra* ou *nem uma palavra*, exprimindo silencio absoluto: «—Que diz êle?—*Nem palavra!* ou *Nem uma palavra!*»

«Não dizer *nem uma palavra*» ou «*nem uma cousa*», no sentido indicado de silencio é expressão antiga e encontra-se nos mais antigos documentos da lingua. Na *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate* aparece frequentes vezes em passagens como estas:

«teve em pouco as ameaças d'el-rei como se lhe dissesse não ua cousa com que lhe passasse.»

«esto tomou a palavra da saude em seu coração e não respondeo não ua cousa.»

A forma antiga—*ne hua* condensou-se em *nemum* e assim, sem lhe alterar o sentido, modificou a forma da expressão que ainda hoje subsiste em negativas como: *coisa nem hua* e a forma intensiva *coisissima nem hua* e ainda *coisa nem uma* como se ouve uma vez ou outra no norte do país.

«Não dizer *nem uma*», subentendendo-se *palavra*, razão ou *cousa*, significa «não dizer absolutamente nada» e o artigo, tomado á conta de numeral, evocou na fantasia popular o deslize para outras formas analogicas de quantidade, dentro do sentido da expressão, como: «*nem meia*», a par de «*nem pio*.»

A formula *nem...nem*, expressa especialmente na frase *nem uma nem outra*, justifica a duplicação conjuntiva como forma intensiva de negação. Naturalmente, tomado o artigo como numeral, lembrou o número *dois* da escala progressiva, dando-se assim uma negativa de maior realce.

«Não dizer *nem uma*»—*nem hua*—*ne hua* (palavra, razão ou alegação de defeza) já exprime silencio, mas a fantasia popular influenciada por outras formas analogas de idéas opostas, tendo *uma*, que é o mínimo, juntou-lhe *duas*, que pode ser o máximo. *Nem uma nem duas* corresponde ideologicamente a *nem pouco nem muito, nem sim nem não*—nada.

Oscar de Pratt.



## FÃO, 30

De visita a alguns amigos tem estado n'esta o snr. Jayme Corrêa, da cidade do Porto, ha dias absolvido nos tribunaes da mesma cidade como suposto conspirador, depois de um anno de prisão passado no Aljube, no Forte do Alto do Duque e ultimamente nas cadeias da Relação da mesma cidade.

Felicitemos o nosso amigo apeteendo-lhe muita liberdade.

—Finou-se no preterito sabado a snr.<sup>a</sup> Joanna Ferreira, mãe dos nossos amigos Antonio Silva, commandante de marinha mercante na praça do Para e Domingos Ferreira. O funeral realiso-se na segunda-feira com grande assistencia, no templo do Bom Jesus, que se achava armado com bom gosto, levantando-se no centro uma elegante tarima, propriedade do nosso amigo José d'Azevedo.

A familia enojada os nossos pesames.

—No passado dia 27 fez a sua estreia oratoria o Revd.<sup>o</sup> padre Manoel Alaio, que durante meia hora prendeu attenção do numeroso auditorio, dissertando proficientemente sobre a Redempção. Parabens ao novel orador.

—De visita a seu caro mano dr. Manoel Oliveira Pinto, encontra-se entre nós o snr. Augusto d'Oliveira Pinto.

—Partiu para Lisboa, de visita a seu extremo tio, o nosso bom amigo Paulo Santos. Boa viagem.

—Realiso-se no passado domingo, como haviamos noticiado a praça dos dous predios em ruinas pertencentes ao nosso Hospital. Foram arrematados ambos pela quantia de 560.000 reis pelo nosso amigo Paulo Dias dos Santos.

## Grand Guignol

Ninguem falte em Barcellos nos proximos dias 2 e 3 de Novembro aos espectaculos que alli se realisam no Theatro Gil Vicente, dados pela brilhante Companhia Portugueza de Grand Guignol.

D'ella fazem parte Adelina Abranches, e Alexandre Azevedo, o que basta para dizer que vão ser um encanto aquellas duas noites em que se desempenharão, na primeira: «Visita Nocturna», «As Noites de Hampton-Club» e «Chegou o Guilherme»; na segunda «Prudencia», «O delegado da 3.<sup>a</sup> secção» e «Rico descanso».

## Consortio

Na preterita segunda-feira, na parochial igreja das Marinhas após a celebração do registo civil em casa da familia da noiva, nesta villa realiso-se o casamento da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Valentina de Barros Lima, gentil filha do saudoso espozendense Manuel Antonio de Barros Lima, com o snr. Augusto Gonçalves Pereira de Barros, illustre alféres de artilharia, de S. Paio d'Antas, d'este concelho.

A cerimonia, que revestiu um caracter muito intimo, assistiram apenas membros das familias dos nubentes. E a estes que fixaram a sua residencia em Vianna do Castello, ficamos-lhes desejando as maiores felicidades e venturas.

## ECHOS DA PRISÃO

Ha dias no julgamento No Porto realizado Com grande descaramento Um tinteiro foi roubado Mas que grande atrevimento!

Da mesa do presidente O refinado ladrão Rifou-o. Foi um repente Mostrando ter leve a mão O gatunorio indecente.

Foi o caso: era preciso P'ró Barros ser condemnado Apresentar-se em juizo O crime como provado Com testemunhas de siso.

Mas o melhor da funcção E p'ra lhes cortar as unhas Já se encontram na prisão Quatro ou cinco testemunhas Que foram de accusação.

Segundo o dictado E' caso p'ra se dizer: Fui buscar lá ao coutado Voltou de lá a tremer Com frio, pois vim tosquiado.

Jupiter.

## ASUMPTOS AGRICOLAS

## AS BOAS COLHEITAS SÓ SE CONSEGUEM COM BOAS ADUBAÇÕES

Esta afirmação temo-la nós feito sem cessar e por assim dizer diariamente, e não nos cansaremos de a repetir todos os dias, enquanto não virmos que a maior parte dos lavradores se compenetra d'esta verdade.

Todos sabem, ou, pelo menos, poucos são os que ignoram que é principalmente das adubações que mais directamente dependem os bons ou maus anos as hoas ou más colheitas e tanto isto é verdade, quanto é certo que se pode dizer que não ha anos maus para aquelles que sabem adubar convenientemente as suas terras.

Estamos n'uma época em que se fazem as sementeiras de cereaes por quasi todo o paiz e por isso insistimos em que devem adubar com bons adubos todos os lavradores que queiram ter boas cearas.

De uma maneira geral, pode dizer-se que os terrenos do nosso paiz são mais ou menos acidos, mais ou menos permeaveis, e mais ou menos secos. Sendo assim, o que mais convem fazer é empregar adubos que neutralisem o excesso de acidez dos terrenos que se não percam facilmente por infiltração e ao mesmo tempo que possam contribuir para conservar os terrenos com um certo grau de frescura, que é, como se sabe, de todo indispensavel.

N'estas condições, a não se empregarem os «ADUBOS COMPLETOS», apropriados ás terras e ás culturas, devem applicar-se, pelo menos a-ubos que possam ter acção benefico, não só por fornecerem ao terreno os elementos que lhe faltam, mas ainda por remediarem os inconvenientes acima apontados.

Ora, os adubos que estão neste caso são FOSFATO TOMAZ e a KAINITE, ambos elles adubos relativamente baratos e que satisfazem a todos estes requisitos.

O FOSFATO TOMAZ é o adubo fosfatado mais conveniente, porque nem o seu acido fosforico se perde facilmente por injiltração, nem acidifica o terreno, antes lhe neutralise a acidez excessiva, porque contem, alem, do acido fosforico uma quantidade de cal que regula por 50 0/0 do seu peso e que atua beneficamente e sobre acultna, sendo méla-disso, em egualdade de dosagem, mais barato do que o supersosfato.

A KAINITE convem tambem extraordinariamente, porque fornece ao terreno e á cultura a POTASSA; que é um elemento indispensavel para se obterem boas colheitas e tem a propriedade de conservar o terreno num certo grau de frescura e humidade.

O que' pois, deve fazer-se para se obter o melhor resultado possivel é empregar na adubação dos cereaes uma mis-

tura de FOSFATO TOMAZ e KAINITE, em partes eguaes, na razão de 300 a 400 kilogramas de cada um d'estes adubos por cada hectare de terreno ou cerca de 80 a 100 kilogramas d'esta mistura por cada alqueire de sementeira.

O resultado será ainda superior se a estes dois adubos se juntar um pouco de CAL AZOTADA, cerca de 100 a 160 kilogramas para as quantidades acima indicadas.

Estes adubos e todos os outros que vulgarmente se empregam, como Nitrato de Sodio, NITRATO MODIFICANDO COM POTASSA, GUANO DO PERU (OHLNDORFF.) CLORETO DE POTASSIO, etc., podem ser pedidos a O. HEROLDE & C.<sup>a</sup> com escriptorios e armazens em Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regos, e Faro, podendo ser immediatamente expedidos.

Todos eses adubos devem ter a marca «TREVO DE QUATRO FOLHAS» se o consumidor quizer ter a certeza de terem de dita casa:

## AS MELHORES SEARAS DOS ARREDORES DE LISBOA

As melhores searas dos arredores de Lisboa e de todas as regiões onde os terrenos são mais ou menos calcareos, como succede dos de perto de LISBOA, são as que são adubadas com GUANO DO PERU (Ohlendorff), marca Cornucopia.

Em geral, os lavradores de perto de Lisboa empregam nas suas terras, na adubação dos cereaes, o sangue seco, ou então adubam as searas em cobertura com nitrato de sodio. E' um erro que elles devem procurar remediar, porque tanto um como o outro d'estes adubos só tem azote e só o azote não é bastante para se terem boas colheitas.

O adubo que devem empregar é o GUANO DO PERU (Ohlendorff), dinamarca Cornucopia, que é um excelente adubo organico completo contendo do 7 0/0 de azote 10 0/0 de acido fosforico e 2 a 3 0/0 de potassa, e é mais barato que o sangue dando muito melhor resultado.

E' este o adubo que lhes aconselhamos a empregar e melhor será ainda o resultado se ele for misturado com CLORETO DE POTASSIO, na dose de 4 pastes de GUANO DE PERU para a parte de CLORETO DE POTASSIO.

Uma mistura assim constituída, empregada na razão de 400 a 500 kilogramas por cada hectare de terreno dá um resultado muito superior ao que se obtem com sangue ou com nitrato e grão mais pesado.

Este excellent adubo é fornecido pela casa O. HEROLD & C.<sup>a</sup>, com escriptorios em Lisboa, Porto, Pampilhosa, Regos, e Faro.

Recomendamos tambem muito este adubo para cereaes em terras leves onde dá muito bom resultado, e para hortas, sendo tambem de primeira ordem para a cultura horticola.

## BIBLIOGRAPHIA

## Recebemos e agradecemos:

—O tomo 10, do 2.<sup>o</sup> vol. dos *Exploradores da Desgraça*, o maior romance parisiense que até hoje tem causado maior sensação no publico de quasi toda a Europa.

A edição esmerada como todas as que saem da casa Editoro Belem & C.<sup>a</sup>, da capital, o modesto custo dos seus tomos de 80 paginas, (100 reis), são ainda motivo do grande successo que o mesmo tem obtido em Portugal.

—O n.<sup>o</sup> 8, vol. III, do *Vegetinario*, revista mensal, órgão e propriedade da Sociedade Vegetariana de Portugal, a qual se publica no Porto.

—O n.<sup>o</sup> 867, anno XVIII, da *Mala da Europa*, publicação lisbonense dedicada aos nossos compatriotas residentes no Brazil. Vem sempre repleta de photographuras.

—O n.<sup>o</sup> 653, 13 anno, do *Noticias de Alcobaca*.

—O n.<sup>o</sup> 878, anno 19, da *Gazeta das Aldeias*, semanario illus-



## Curada!

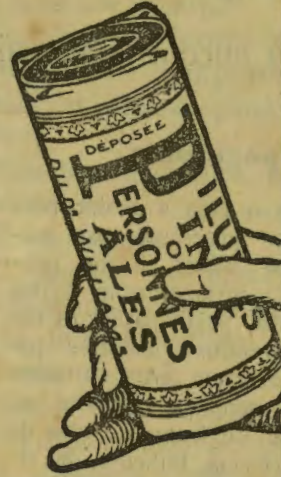
A sr.<sup>a</sup> D. Virginia Felizardo, residente em Lisboa, no Largo do Corpo Santo, n.<sup>o</sup> 28, diz-nos:

«As Pilulas Pink prestaram-me um serviço inapreciavel — curaram-me. Havia muito tempo já que eu estava anemica. Em vão tinha tentado curar-me d'essa temivel doenca, pois nenhum dos remedios experimentados me dava resultado.

«Tinha muito mau aspecto, sentia-me muitissimo fraca, não comia nada, por assim dizer, e tinha bastantes dores nas costas e no peito, como se estivesse phtisica. Tão grande era a minha fraqueza, que me tremia a vista, quando me applicava a fazer fosse o que fosse. Resolvi por fim, tomar as Pilulas Pink, que muitas pessoas me tinham recommendado. Com effeito, não tardei a experimentar uma notavel melhora no meu estado, e hoje, vendo-me completamente curada, venho agradecer a V. todo o bem, que as suas excellentes Pilulas Pink me fizeram.»

## Pilulas Pink

Estão á venda em todas as pharmacias, pelo preço de 800 réis a caixa, 4500 réis as 6 caixas. Deposito geral: J. F. Bastos e C.<sup>a</sup>, Pharmacia e Droguaria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa. — Sub-Agente no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.



trado de propaganda agricola, o melhor e mais barato que se publica em Portugal.

—O n.<sup>o</sup> 27 6.<sup>o</sup> anno, do *Fertilsador*.

—O n.<sup>o</sup> 6, 3.<sup>a</sup> serie, da importante publicação a *Figueira*, boletim mensal do grupo «Studium» de que faz parte redactorial o erudito escriptor snr. Pedro Fernandes Thomaz.

—O n.<sup>o</sup> 58, 3.<sup>a</sup> serie, do 36 anno, da *Aurora do Cavado*, quinzenario litterario e bibliographico, de Lisboa.

—O tomo 23, pertencente ao 3.<sup>o</sup> volume do *Poder dos Humildes*, magnifico romance de A. Contreras, versão portugueza de Julio Magalhães, edição primorosa da Casa Belem & C.<sup>a</sup>, successores, da Capital. O custo de cada tomo de 78 paginas é apenas de 100 reis.

—O n.<sup>o</sup> 13, 1.<sup>o</sup> anno, de *O Stenographo Illustrado*, revista mensal de tachygraphia e dactylographia, publicação lisbonense.

Comarca de Espozende EDITOS de 30 dias 2.<sup>a</sup> publicação

PELO Juizo de Direito da comarca d'Espozende e cartorio do

escrivão—Moraes Rocha—se processam uns autos d'inventario orphanologico por obito de Antonio Fernandes Tarrío, que foi da freguezia d'Apulia, n'elles correm editos de trinta dias, os quaes se contarão da data da ultima publicação do annuncio, citando os herdeiros João e Serafim Fernandes Tarrío

e Manoel Gonçalves Ribeiro, ausentes em parte iccerta no Brazil, para assistirem, querendo, a todos os termos até final do referido inventario e usarem dos direitos.

Espozende, 7 d'Outubro de 1912.

O Escrivão de Direito João Evaristo de Moraes Rocha

Verifiquei O Juiz de Direito Leal Sampaio

## Grande Loteria do Natal

EXTRACÇÃO A 24 DE DEZEMBRO DE 1912 PREMIO MAIOR 240.000\$000 SEGUNDO PREMIO 30.000\$000

Bilhetes a 100\$000, decimos a 10\$000, vigesimos a 5.000; e quadregesimos a 2.500, Cautelas de 1.600, 1.100, 550, 330, 220, 110 e 60 reis; dezenos de 11.000, 5.500, 3.300, 2.200, 1.100 e 550 reis. Satisfazem-se todos os pedidos na volta do correio, não só para esta loteria, como tambem para todas as outras que se realisam semanalmente, logo que venham acompanhados da respectiva importancia em notas, valores do correio ou quaesquer outros valores de facil e prompta liquidação e dirigidos a

ANTONIO DUARTE XAVIER L.<sup>da</sup> SUCC. DE JOSE R. TESTA 74—RUA DO ARSENAL—78 LISBOA

End. Teleg.—ROTESTA

Teleph. n.<sup>o</sup> 2:532

Aos preços acima accresce 75 reis para despezas do correio.

NO CAMPO 160 reis.



# TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

## JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VEIGA BEIRÃO 71 A 91

### ESPOZENDE

## O maior depósito de impressos da Província do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir é a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congeneres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

### Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimen-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particuláres em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de côr ou brancos timbrados á vontade do freguez, notas de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escrivães de direito juntas de parochia, contrarias e particulares.

**Especialidade** em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda collecção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

**Livraria.**— Livros escolares de todos os autores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos adquados nas escolas primarias,

**Material escolar,** fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, louzas grandes, mappas parietaes, esferas, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenerere.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

**Canetas de tinta,** ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

**Papel bordado** para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

**Chromos,** ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

**TINTA DE MARCAR** roupa, Colla-tudo, lamparinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

**ETIQUETAS** em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

**POSTAES** em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs.

cada um.

**Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.**

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

### POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. É um reclame.

**TINTA** preta, azul-preta, carmim e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desdes um 1/4 de litro até 1-litro, a diferentes preços.

**PAPEL** de sêda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para illuminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

**PAPEL** almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

**PAPEL PARA CARTA A 10 REIS**

**PAPEL** de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

**PAPEL** de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

**LIVROS EM BRANCO** para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muitos razoaveis.

### SEM RIVAL

A  
140,  
160,  
200 ATÉ 800

REIS

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

**BLOCOS** para calendarios.

**AGENDAS** de algibeira para 1913 muito portateis e uteis.

**ALMANACHS** Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1913.

### VISTEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia.